

PORTUGAL CATÓLICO

SESSÃO DE APRESENTAÇÃO EM OEIRAS | 6.12.2018

Texto de Apresentação de CRISTINA FIGUEIREDO (Diretora de Edição Política da SIC)

Boa noite e obrigada por terem vindo. O meu nome é Cristina Figueiredo, sou editora de Política da SIC – aqui ao fundo da rua. A minha profissão obriga-me a ler muito todos os dias. Entendam o “obriga-me” no sentido de “algo que é indispensável àquilo que eu faço”, não “algo que faço contrariada”. Desde pequena que adoro ler e a paixão não se extinguiu, pelo contrário. Continuo a ler com muito prazer, ainda que sinta que há cada vez mais coisas interessantes (e outras nem por isso, é verdade) para ler e cada vez menos tempo para o fazer.

Este preâmbulo para antecipadamente me desculpar: vou apresentar uma obra que, tenho de o confessar, ainda não li...toda. Acho que tenho algumas atenuantes em minha defesa: são mais de 3 kg de livro (sim, é uma obra de peso), o que não o torna exatamente fácil de meter na mala e andar com ele para todo o lado. São mais de 800 páginas, 200 e alguns textos de quase tantas outras personalidades. Perante o desafio, que me foi colocado há duas semanas e meia, de o vir apresentar, tive de socorrer-me do “método Marcelo Rebelo de Sousa”, aquele que ele usava quando era apenas comentador televisivo e no fim dos programas de domingo invariavelmente recomendava uma pilha de livros, sobre os quais falava com a convicção de quem os tinha lido de fio a pavio.

O “método Marcelo”, cá entre nós que ninguém nos ouve, consiste em ler os prefácios, a introdução, as conclusões e algumas páginas pelo meio. Eu fiz isso mesmo... para chegar à conclusão que, neste caso, e se calhar em todos os outros também, é pouco honesto. Este é um livro que merece, com efeito, ser lido de fio a pavio, mesmo que para isso tenha de se demorar algum tempo. É que não sei se repararam que o título “Portugal Católico” é acompanhado de um subtítulo: “a beleza na diversidade”. E é exatamente a consciência e a dimensão desta pluralidade (de temas, de autores, de gerações, formações, de opiniões e perspetivas, em suma) que se perde se nos ativermos aos textos introdutórios do Presidente da República (que, estou convencida, desta vez leu mesmo tudo), de D.Manuel Clemente ou de António Guterres, aos dois textos finais, a mais meia dúzia de outros pelo meio que, no meu caso, escolhi ora em função dos autores ora da temática que abordavam.

Dito isto, não é preciso ter lido tudo para perceber algumas coisas.

Em primeiro lugar, a mais evidente: estamos perante uma obra monumental, única. Não apenas pelo volume de trabalho envolvido, mas sobretudo pela qualidade do resultado final.

Olhando apenas a capa dir-se-ia que é um livro dirigido sobretudo à comunidade católica. Não é verdade. Ainda que esta possa ser a “consumidora” preferencial, a obra está concebida para ser lida por todos quantos queiram conhecer Portugal e os portugueses, independentemente da sua fé, independentemente sequer de terem fé. É o Portugal Católico que aqui nos é retratado, sabendo todos nós que esta é uma dimensão incontornável de uma nação que já era católica antes de ser nação, aliás, que se fez nação por ser católica.

O que me levou a uma interrogação. Que, estou certa, passa frequentemente pela cabeça de todos os que aqui estamos: e continuamos a ser um “Portugal católico”?

Procurei uma resposta imediata - a curiosidade de um jornalista não costuma ser compaginável com paciência. Recorrendo a uma das ferramentas mais habituais do trabalho jornalístico... o google... que neste caso serviu apenas para me conduzir aos dados estatísticos que procurava. Não há assim tantos mas... descobri isto: de acordo com os dados do site Pordata, da Fundação Francisco Manuel dos Santos, no ano em que eu casei - 1995 - , mais 45.228 casais tomaram a mesma decisão de celebrar matrimónio pela igreja. Vinte e dois anos depois, o número caiu para 1/4. É verdade que o número total de casamentos decresceu (de 65.776 em 95 para 33.111 em 2017). Mas o curioso é que o número de casamentos civis até aumentou ligeiramente.

Mas há mais números sobre que refletir. Em maio deste ano, um estudo, realizado por duas universidades católicas europeias, sobre "os jovens adultos europeus e a religião", concluiu que são já 42% os jovens portugueses (entre os 16 e os 29 anos) que não se identificam com nenhuma religião. Um valor elevado que a própria Conferência Episcopal não minoriza e interpreta dever-se mais a um descontentamento com as instituições do que com a dimensão da fé.

Admito que sim, embora este último não seja, no meu entender, um aspeto a descurar: vivemos um tempo onde não se faz propriamente a apologia do espírito sobre a matéria e "ter fé" não consta da lista das tendências modernas, encabeçada antes por disciplinas como o yoga, a meditação ou o mindfulness - nada contra, atenção, pratico yoga sempre que posso e estou a um passo de me inscrever num curso para aprender a meditar.

Para concluir, que para introdução já falei demais: do (pouco) que já li, para lá dos méritos que referi acima e de outros que a leitura integral virá certamente acrescentar, esta obra tem uma qualidade inestimável: põe-nos a pensar, a questionar, a duvidar, a refletir. E esse, acho eu, é o melhor elogio que se pode fazer aos autores.

Cristina Figueiredo
6.12.2018